

Louis Althusser

**TEORIA
TEORIA
TEORIA**

Lenine e a Filosofia

LENINE E A FILOSOFIA

COLECCÃO TEORIA

N.º 1

LOUIS ALTHUSSER

LENINE E A FILOSOFIA

2.^a edição

1974
EDITORIAL ESTAMPA
LISBOA

Copyright
François Maspero Editeur, Paris, 1969
Editorial Estampa, Lda., Lisboa, 1974
Para a língua portuguesa

TITULO ORIGINAL

LÉNINE ET LA PHILOSOPHIE

TRADUÇÃO DE

HERBERTO HELDER e A. C. MANSO PINHEIRO

Distribuidor no Brasil:

Livraria Martins Fontes
Praça da Independência, 12
Santos — S. Paulo

Agradeço a esta Sociedade a honra que me concedeu, convidando-me a apresentar o que designa desde a sua fundação, e que sem dúvida designará ainda por muito tempo, por uma palavra comovente de nostalgia: uma comunicação ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ Comunicação apresentada à Sociedade Francesa de Filosofia em 24-2-68 e reproduzida com permissão do seu presidente, Jean Wahl.

I

É razoável que um sábio apresente uma comunicação perante uma sociedade de sábios. Uma comunicação e uma discussão só são possíveis quando científicas. Mas sê-lo-ão igualmente uma comunicação filosófica e uma discussão filosófica?

Comunicação filosófica. Esta expressão faria certamente rir Lenine, com aquele riso largo e franco no qual os pescadores de Capri reconheciam ser ele dos da sua raça e da sua causa. Isto há exactamente 60 anos, em 1908. Lenine estava então em Capri, em companhia de Gorki, de quem amava a generosidade e apreciava o talento mas tinha, no entanto, por revolucionário pequeno-burguês. Gorki convidara-o para vir a Capri tomar parte em discussões filosóficas com um pequeno grupo de intelectuais bolchevistas de que partilhava as teses: os Otvovistas. 1908: estávamos no período que se seguiu à primeira revolução de Outubro, a de 1905, durante o refluxo e repressão do movimento operário. Era, igualmente, uma época de confusão entre

os «intelectuais», incluindo os intelectuais bolchevistas. Muito destes tinham formado um grupo que ficou conhecido na história pelo nome de «Otzovistas».

Politicamente os Otzovistas eram esquerdistas, pelas suas posições radicais: retirada (Otzovat') dos representantes da Duma, rejeição de todas as formas de acção legais, passagem imediata à acção violenta. Mas estas proclamações esquerdistas escondiam posições *teóricas* de direita. Os Otzovistas tinham-se imbuído duma filosofia em moda, ou melhor, uma moda filosófica, o «empirocriticismo», cuja forma tinha sido renovada pelo célebre físico austríaco Ernst Mach. Esta filosofia de físico e de fisiologista (Mach não era qualquer um; deixou um nome na história das Ciências) não era isenta de afinidades com outras filosofias fabricadas por sábios, como a de Poincaré, e por historiadores das ciências, como Duhem e A. Rey. São isto fenómenos que começamos a conhecer. Assim que certas ciências sofrem importantes revoluções (neste caso, as Matemáticas e a Física), logo surgem *filósofos* de profissão a proclamar a «Crise da Ciência», ou das matemáticas, ou da física. Estas proclamações de filósofos estão, permita-se-me a expressão, na ordem do dia: há toda uma categoria de filósofos que passa o seu tempo a predizer, ou antes, a adivinhar a agonia das ciências para lhes administrar os últimos sacramentos da filosofia, *ad majorem gloriam Dei*.

Mas, o mais curioso, é aparecerem também *sábios* para falar da crise das ciências, e descobrir em si próprios, subitamente, surpreendentes vocações filosóficas — eles que julgam converter-se como por encanto em filósofos, quando afinal nunca deixaram de «praticar» filosofia — pensam fazer revelações, quando apenas se limitam a repetir vulgaridades e velharias que pertencem ao que a filosofia é forçada a considerar como a sua história.

Nós, filósofos de ofício, seríamos levados a pensar que estes sábios sofrem, em relação a esta «crise», uma doença filosófica evidente e espectacular, quando do desenvolvimento de uma ciência que eles aproveitam para a sua própria conversão, tal como uma criança que tem um ataque de febre. Mas, esta filosofia espontânea, quotidiana, *apenas eles próprios dão por ela*.

O empiriocriticismo de Mach era uma crise filosófica deste género, como todos os seus subprodutos bogdanoviano, lunatcharskiano, bazaroviano, etc. Trata-se de acontecimentos crónicos. Para adiantar, sem discriminações, aliás, uma pequena ideia contemporânea deste facto, diremos da filosofia que alguns científicos biólogos, geneticistas, linguistas, etc., estão hoje em vias de fabricar sobre a «informação», que ela pertence às pequenas «crises» filosóficas deste género, do tipo eufórico.

Ora, o que é notável nestas crises filosóficas de sábios é que são sempre filosoficamente orientadas num só e único sentido: retomam velhos temas *empiristas* ou *formalistas*, ou seja *idealistas*, rejuve-

nescendo-os: portanto, têm *sempre* por adversário o *materialismo*.

Temos que os Otzovistas eram empirocriticistas, mas como, sendo bolchevistas, eram marxistas, diziam que o marxismo devia desembaraçar-se daquela metafísica pré-crítica que era o «materialismo dialético» e, para se transformar no marxismo do século XX, deveria abraçar finalmente a filosofia que sempre lhe faltara, precisamente esta filosofia idealista, vagamente neokantiana, remodelada e autenticada por sábios: o *empirocriticismo*. Certos bolchevistas deste grupo queriam mesmo integrar o marxismo dos valores humanos «autênticos» da religião e, assim, chegaram a intitular-se os «construtores de Deus». Mas deixemos isto.

Era intenção de Gorki convidar Lenine a discutir filosofia com o grupo dos filósofos Otzovistas. Lenine pôs as suas condições: meu caro Alexei Maximovitch, tenho o maior prazer em o visitar, mas recuso-me a participar em *discussões filosóficas*.

Era isto uma atitude tática: sendo essencial manter a unidade política entre os bolchevistas emigrados, era necessário evitar dividi-los com uma discussão filosófica. Mas, podemos discernir, dentro desta tática, muito mais que uma tática, o que eu chamaria uma «prática» da filosofia e a consciência do que significa praticar a filosofia. Numa palavra, a consciência deste facto brutal, primário: a filosofia *divide*. Se a ciência une e se une sem dividir, a filosofia divide e só pode unir dividindo. Compreen-

demos agora o riso de Lenine: não há comunicação filosófica, nem há discussão filosófica.

Hoje só quero comentar este riso, que é, por si só, uma tese.

Espero que esta tese nos conduzirá a algum lado.

E conduza-me, para já, a pôr a mim próprio uma questão que não pode deixar de me ser posta: se não há comunicação filosófica possível, que discurso vou eu poder fazer? Evidentemente, um discurso perante filósofos. Mas, assim como não é o hábito que faz o monge, também não são os auditores quem faz o discurso. O meu discurso não será, portanto, filosófico.

Será, assim, por razões necessárias que decorrem da história teórica em que situamos, um discurso *na* filosofia, mas este discurso na filosofia não será, de todo em todo, um discurso *de* filosofia. Será, ou antes, deveria ser um discurso *sobre* a filosofia, o que significa que a vossa Sociedade veio ao encontro dos meus desejos convidando-me a apresentar-vos uma *comunicação*.

O que tentei dizer poderá, com efeito, merecer este título se, como espero, eu puder comunicar-vos alguma coisa *sobre* a filosofia, em suma, alguns rudimentos para a ideia de uma *teoria* da filosofia. Teoria, isto é, qualquer coisa que, de uma certa maneira, antecipa uma ciência.

Chamo a vossa atenção para a necessidade de entender assim o meu título: Lenine e a filosofia.

Não a filosofia de Lenine, mas Lenine *perante a filosofia*. Com efeito, creio que a nossa dívida para com Lenine, que é imensa, sem esquecer os seus predecessores, se inicia com a possibilidade de começarmos a ter uma espécie de discurso que antecipa o que será talvez, um dia, uma teoria não filosófica da filosofia.

II

Se, em face do que hoje aqui nos traz, é este o maior mérito de Lenine, podemos talvez começar por esclarecer uma velha questão pendente entre a filosofia universitária, incluindo a francesa, e Lenine. Como também sou universitário e professor de filosofia, pertenco àqueles «entendidos» a quem Lenine dirige a sua «saudação».

Que eu saiba, à parte Henri Lefebvre que lhe consagrou um excelente trabalho, a filosofia universitária francesa não se dignou interessar por um homem que dirigiu a maior revolução política da História moderna e que, além disso, analisou longa e conscientemente, em *Materialismo e Empiocríticismo*, as obras dos nossos compatriotas H. Poincaré, H. Duhem e A. Rey, para só falar destes.

Que me perdoem os nossos mestres que eu esquecer, mas não consigo recordar, durante o passado meio século e excepção feita aos artigos de filósofos ou de cientistas comunistas, mais do que algumas escassas páginas sobre Lenine: Sartre na «*Temps*